

CAPÍTULO 5

A maternidade e o *stricto sensu*: um relato, uma história

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-31-2.c5>

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA

Cada momento da nossa vida vai construindo nossa história e formando as nossas memórias. Cada etapa é cheia de significados e representações que carregamos ao longo dos diversos desafios que enfrentamos. Assim, vamos conhecer apenas um capítulo de uma história cheia de provocações, mas também de muita fé, amor e resiliência. Sou uma mulher cheia de sonhos. Venho de uma família de oito irmãos. Nasci e morei toda a minha infância e adolescência na Zona Rural, na cidade de Paulista, interior da Paraíba. Filha de pais que nunca tiveram a oportunidade de estudar. Minha mãe, no entanto, sempre apoiou todos os seus filhos a buscarem o melhor por meio dos estudos.

Ao iniciar a faculdade, precisei começar a trabalhar. Meu primeiro salário teve um valor irrisório, por isso precisava ter dois empregos para poder ter dinheiro para as despesas da faculdade. Em 2004, iniciei a docência, na condição de professora temporária. Passar em um concurso sempre foi um dos meus diversos planos e sonhos. No entanto, com a correria da sala de aula, e, após ter assumido a condição de gestora de uma escola, essa realidade parecia ficar cada vez mais distante.

No dia primeiro de janeiro de 2009, conheci uma das pessoas mais importantes da minha vida, o meu companheiro, Júnior, um homem incrível de um coração gigantesco, que permeia a simplicidade e a bondade. Um marido que sempre me incentivou em tudo. Hoje se estou contanto sobre a minha experiência no *stricto sensu* devo isso a todo o apoio e parceria que ele sempre teve comigo.

No dia 6 de outubro de 2013, optamos por sair da cidade de Paulista-PB em busca dos nossos sonhos e escolhemos que esse lugar seria o estado de Roraima, isso pelo fato de que a minha irmã, Mirely, já residia no estado. Achávamos que esse fator traria mais facilidade e alguns arranjos em nossa vida. Ao estar dentro daquele avião vendo, bem distante, o encontro das águas do Rio Negro e Solimões, respirei fundo e senti o quão estava longe da minha casa, do aconchego da minha família. Tudo isso me causava uma estranheza, um frio, algo que seria radicalmente oposto ao que eu vivia. Naquele momento não tinha como mensurar as lutas, surpresas e conquistas que aquele estado reservava para nós.

Inicialmente, fomos morar em São João da Baliza, um município bem pequeno, mas com pessoas com corações gigantescos, capazes de nos proporcionarem os melhores afetos. Ao passar no concurso do Instituto Federal de Roraima – IFRR, fui chamada para atuar no *Campus* Amajari. No município de Amajari, nossa vida foi, aos poucos, organizando-se. A cada dia que passava me encantava pela cultura e língua dos povos indígenas. O *Campus* Amajari nos proporciona uma interculturalidade ímpar.

Comecei, então, a pensar naquilo que nos menciona Dias (2016, p. 13): “A investigação sobre as bases teóricas da abordagem intercultural cruza os planos da cultura e da língua e este cruzamento encontra-se representado na atual teoria do ensino e aprendizagem de línguas”. Nesse aspecto, cada dia mais eu me interessava por estudar e analisar esse entrecruzamento entre línguas e culturas. Foi aí que surgiu a temática da minha dissertação de mestrado.

Estar inserida naquele contexto foi uma experiência gratificante em minha vida, algo que aos poucos transformava o meu modo de ser e agir. Hall (2006) argumenta que a identidade “[...] é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38). Esse contato, esse convívio possibilita um processo de construção, desconstrução e (re)construção das nossas identidades.

Dessa maneira, trabalhar nesse ambiente proporcionou-me o direcionamento e a vontade pela pesquisa, porém precisava encarar a seleção de 2015 para ingresso em 2016 e escrever o projeto. Nesse ínterim, acabei engravidando.

Com a chegada da gravidez, tínhamos os planos de retornar para a Paraíba, para que nosso filho pudesse conviver com os avós e demais familiares. No entanto, a gestação não interrompia meu objetivo de tentar ingressar no mestrado, apesar de eu estar cercada pelas incertezas, fragilidades e imperfeições que a maternidade traria para minha vida (BADINTER, 1985).

O tempo foi passando, a barriga crescendo e eu continuava trabalhando e, além disso, estudando para a seleção. Contudo, antes de completar os nove meses, tive que me afastar do trabalho porque a minha gestação implicava algumas fragilidades, nesse sentido, decidimos que eu ficaria na capital.

2. A EXPERIÊNCIA NO *STRICTO SENSU* ATRAVESSADA PELA MATERNIDADE: DESAFIOS E REALIZAÇÕES

Em meados de agosto de 2015, nasce um sonho, uma esperança um desafio: estava aberto o edital para ingresso no mestrado em Letras pela Universidade Federal de Roraima – UFRR. Aqui se inicia uma história, caro leitor, não uma história dessas de contos de fadas, mas uma história permeada por muitas lutas, provocações e, principalmente, superação.

A partir daquele edital tudo mudou em minha vida. Uma rotina intensa de estudos aliada a minha rotina de quarenta horas semanais de trabalho e aos preparativos para a chegada do meu filho, Hugo. Você deve estar se perguntando por que fazer um mestrado logo no período da maternidade? A resposta é: para a realização dos nossos sonhos não existe hora, endereço e/ou lugar.

No entanto, para a concretização das nossas metas, muitos desafios nos são apresentados. Então, procure pensar em uma mulher grávida com um imenso barrigão, com fortes dores na coluna e com as pernas inchadas. Para amenizar esses sintomas, eu procurava ficar sentada em minha cama, com os livros e materiais de estudo espalhados ao meu redor, assim, conseguia descansar e estudar ao mesmo tempo.

No dia 9 de dezembro de 2015, vi o resultado da seleção. Lá estava o meu nome na lista dos aprovados. Nesse momento, a euforia tomou conta de mim, e foi lentamente sendo transformada, à medida que eu olhava para meu filho, que na época

tinha apenas 2 meses. Não me pergunte que sentimento era aquele, não saberia explicar, o que sei é que nada naquele momento poderia mitigar essa reação. A cena se reproduzia num choro perpassado por incertezas e muito medo de tudo que estava por vir. Eu era uma mulher, mãe, imigrante, sozinha em uma capital, sem conhecer, praticamente, ninguém, tudo isso aliado à maternidade e a tudo o que ela implica. Essa sensação é fruto do que nos diz Oliveira (2020): geralmente, é entendido que a maternidade é um obstáculo à carreira científica.

Esse *mix* de sentimento e euforia foi desencadeado por saber que nós, mulheres, somos, conforme Oliveira (2020, p. 157), “[...] as principais responsáveis pelas atividades ligadas aos cuidados domésticos e familiares”. Apesar de todas as reflexões naquele momento, meio às lágrimas, decidi seguir. Ali, começava a minha luta no *stricto sensu*.

Em março de 2016, as aulas iniciaram. Decidi ficar na capital, já que estava de licença-maternidade, para cursar algumas disciplinas, ter mais tempo para estudar, amamentar e cuidar do bebê. Meu marido passava a semana inteira no interior e retornava na sexta-feira.

Optei por, no primeiro ano do mestrado, cursar três disciplinas. Esse período foi galgado por barreiras, lutas e conquistas. Meu marido sempre me auxiliava em tudo. Nos finais de semana estava ali, pronto para assumir os cuidados com nosso filho, com muito amor e carinho. Tudo parecia fluir muito bem, mas durante a semana tornava-se mais complicado, já que eu ficava sozinha com o bebê.

De início, decidimos contratar uma babá para me ajudar com Hugo durante a semana. Não vou citar tudo o que passei nessa fase, porque seria impossível e não caberia nestas páginas, mas digo que passei por incontestáveis situações que não há como mensurar o tamanho da minha aflição e/ou preocupação durante todo aquele período.

Assim sendo, vamos apenas imaginar uma linha de acontecimentos em minha vida durante essa fase. A começar pelas diversas trocas de babás, já que nenhuma dava certo, por diversos motivos: uma morava em outro município, ficava distante o deslocamento; outra não tinha habilidade com crianças. Até que, finalmente, encontramos uma pessoa que já tinha experiência como cuidadora.

No começo tudo parecia incerto. Como nos diz Silveira (2015, p. 96): “é nesse estranhamento, nessa ambiguidade, a meu ver, que está uma maneira bem particular a nós — brasileiros — de nos relacionarmos socialmente [...]”. O convívio com aquele “estranho” foi, aos poucos, sendo permeado pelos cuidados e pelo carinho que aquela pessoa tinha pelo meu filho. Dessa maneira, com a chegada da nova babá, a situação se amenizou um pouco.

Esse momento foi tenso talvez pelo que Silveira explica, em seu artigo *Eu sou os olhos dela*: “quando essas relações entre segmentos sociais distintos são vivenciadas na intimidade de uma família, de uma casa, assumem para nós um significado diferenciado, repleto de ambivalências [...]” (SILVEIRA, 2015, p. 96). Era nessa ambivalência de sentimentos e sensações que eu ia para a UFRR assistir às aulas, enquanto a babá ficava com meu filho. Aos poucos, ela foi nos conquistando com seu carinho e dedicação. Chegava cedinho e saía às cinco da tarde.

Durante a noite, eu ficava sozinha com Hugo. Trocando fralda e fazendo mamadeira, isso mesmo, fazendo mamadeira, pois as preocupações das disciplinas do mestrado e as dificuldades para encontrar uma babá fizeram com que o meu leite cessasse. Uma das chamas mais lindas da maternidade havia sido interrompida de maneira abrupta em minha vida pelas intempéries do dia a dia a que nós, a todo o momento, estamos submetidos.

Também é oportuno dizer que meu filho tinha dificuldade para dormir. De acordo com Tenenbojm *et al.* (2010, p. 225), “A qualidade de sono da criança e a qualidade de sono da mãe estão associadas; a má qualidade de sono das mães está associada a distúrbios de humor, estresse e fadiga”. Nessa perspectiva, é como se mãe e filho estivessem interligados. O fato é que, dia após dia, noite após noite, madrugada após madrugada, eu ia ficando mais cansada. Quero deixar claro, caro leitor: cansada, mas não desestimulada, pois em todo o tempo eu tinha a certeza de que queria vivenciar a experiência do mestrado – e sempre tinha muita fé de que tudo aquilo um dia iria passar.

Alguns meses se passaram, assim, chegou o momento de retornar ao trabalho. Em Amajari, encontrei novos colegas, fiz novas amizades, era como minha segunda casa. No Campus, as pessoas me acolheram e que me faziam muito bem. Amizades que irei

guardar com todo carinho. Dentre elas lá estava a professora Joelma Fernandes, o destino até já fizera com que nos encontrássemos no dia da prova do concurso, mas foi no IFRR *Campus* Amajari que essa amizade se consolidou. Uma mulher guerreira, decidida, que enfrenta mundos para atingir seus objetivos. Sempre me deu muito apoio e, hoje, conto um pouquinho da minha história por incentivo justamente dela. Partilhávamos todos os projetos executados no trabalho, isso nos rendeu uma amizade que resiste a distância e aos extremos de dois estados: Paraíba e Roraima.

Nesse contexto, eu contava com todo o apoio de Júnior e tudo se tornava mais ameno. Apesar disso, voltava a nossa saga pela procura de uma pessoa para ficar com Hugo enquanto eu e o Júnior trabalhávamos. Também não vou adentrar nas dificuldades e inúmeras situações que enfrentamos.

A saga pela procura de uma babá termina com a chegada de Iesa, um anjo, um presente que Deus nos deu. Iesa era uma jovem de 18 anos, que tinha acabado de terminar o Ensino Médio e que procurava trabalho. Ela era extremamente cuidadosa com Hugo, tinha um carinho imensurável pelo meu filho – e nós por ela também.

Eu continuava cursando as disciplinas. No segundo semestre, optei por escolher apenas duas. De modo que, durante dois dias da semana, saía de Amajari e viajava 150 quilômetros até a capital para assistir à aula, nos outros três dias da semana eu trabalhava.

Nesse período também já estava coletando os dados da minha pesquisa e iniciando a escrita da dissertação. Em Amajari, o cansaço era um pouco maior por causa das longas viagens para Boa Vista, mas, quando entrava na UFRR, tentava me desligar de todo aquele contexto e fixava no que eu realmente queria: estudar e terminar o mestrado o mais rápido possível.

Nessa rotina chegamos ao terceiro período do Mestrado. Nessa fase, teria apenas uma disciplina para cursar, ademais, a escrita da dissertação também era meta para aquele período. Esse objetivo cada dia se tornava mais difícil, pois o cansaço do dia a dia, as responsabilidades do trabalho, tudo, era intenso.

Logo, Júnior decidiu cuidar sozinho de Hugo durante à noite, para que eu pudesse dormir e descansar mais um pouco. Desse modo, consegui organizar e

intensificar meus horários de escrita durante a madrugada. Escrever, não dormir direito, viajar uma vez na semana para cursar a última disciplina e trabalhar o restante da semana estava sendo uma tarefa bem árdua.

Todo esse cenário começou a mudar com a ajuda de muitos personagens: minha mãe e minha sogra que viajaram vários quilômetros para dar o apoio que eu precisava com Hugo; algumas colegas de mestrado (não irei citar nomes porque encontrei, no mestrado, verdadeiras amigas, companheiras de estudo e de diálogos sobre a maternidade); a minha orientadora (dedicarei um tópico deste trabalho exclusivamente a ela) e a Luciana Barros, uma grande amiga e colega de trabalho a quem devo muito. Luciana foi como sol que nasce após uma tempestade. Trouxe a luz que eu precisava para aquele momento.

3. A ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA: SACRIFÍCIOS E CONQUISTAS

A linguagem está presente em tudo em nossa vida e, para conquistar nossos sonhos, não seria diferente. Segundo Borges (2011, p. 1), “A linguagem não é apenas uma ferramenta usada na comunicação entre sujeitos, ela é também uma forma da ação social pela qual o sujeito pode manifestar suas intenções procurando alcançar seus objetivos”. Assim, linguagem e realidade estão interligadas, contribuindo de maneira significativa para o nosso fortalecimento enquanto indivíduos sociais, pesquisadores e cidadãos.

Todavia, escrever não é uma tarefa fácil, mas, como tudo em nossa vida, exige um planejamento. De acordo com Lispector (2014, p. 26), “Escrever é o mesmo processo do ato de sonhar: vão-se formando imagens, cores, atos, e sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra”. No meu caso, eu transformava a escrita da minha dissertação de mestrado como um sonho que tinha cor, forma, tamanho e, principalmente, tempo para se concretizar. À medida que mais uma página ia sendo finalizada, um sentimento de satisfação e felicidade ia tomando conta de mim.

Nessa perspectiva, todas as noites tínhamos uma rotina de dormir cedo, acordava às duas da manhã e ia escrever. Isso era frequente, principalmente, durante

os finais de semana, às 5h eu ia dormir. Assim, conseguia descansar antes do meu filho acordar.

Durante a semana não conseguia levantar no mesmo horário. Mas ficava tranquila quanto a isso. Eu tinha uma espécie de cronograma com metas. Por exemplo, finalizar o segundo capítulo até dia X de julho. Eu conseguia seguir esse cronograma, é claro que isso envolvia alguns sacrifícios, não dormir uma noite inteira e/ou deixar de viajar nas férias para Paraíba, prática que executávamos todos os anos.

Em dezembro de 2016, optei por ficar todas as minhas férias em Roraima, pois tinha como meta defender em agosto de 2017. Sem viajar, eu conseguiria escrever um pouco mais e, é claro, ficar mais tempo com a minha família. É fato que também aproveitamos as belezas da Serra de Tepequém e descansamos um pouco, assim eu conseguia manter um certo equilíbrio em minha vida.

O que quero dizer para vocês é que, para além da escrita, existe um universo de questões que precisamos ter consciência. Rigo *et al.* (2018, p. 494) dizem que:

[...] a familiaridade com a escrita representa uma oportunidade singular para superar e reconhecer as próprias dificuldades na redação, bem como para adquirir novos conhecimentos, sejam eles de natureza conteudística e/ou de estrutura formal.

Dessa maneira, conhecer os nossos limites, as nossas dificuldades, nos proporciona a oportunidade de (trans)formação e ajustes de que precisamos para experienciarmos o universo de conquistas que adquirimos com a escrita.

4. RELAÇÃO ORIENTADOR E ORIENTANDO: REALIDADE E AUTONOMIA

Um fator extremamente importante durante todo esse contexto no *stricto sensu* é a relação orientador-orientando. Alves, em seu livro “Elaboração de Projeto, TCC, Dissertação e Tese”, diz “Um projeto de pesquisa é estruturado pelo pesquisador com a ajuda do seu orientador, em parceria que leva a um grande aprendizado, e à qual se dá o nome de orientação” (ALVES, 2017, p. 1). Assim, a orientação é uma grande oportunidade para a troca de conhecimento e aprendizagens constantes durante a escrita.

Nessa parte da minha história, fui agraciada com a orientação da Profa. Dra. Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, professora, linguista aplicada, mãe, mulher, um ser humano incrível e admirável que tive a chance de conhecer e com quem tive a oportunidade de conviver.

Lembro-me do primeiro encontro de orientação, junto com as minhas colegas que também desenvolviam trabalhos na área da Linguística Aplicada, lá estava eu com meu caderninho anotando tudo o que a professora Déborah falava. Esse processo facilitava muito a minha escrita. Todas as dicas, todos os ajustes, todas as mudanças, eu procurava ao máximo possível adotar suas recomendações (ALMEIDA, 2017, p. 3).

Dessa maneira, a professora Déborah conseguia nos passar a autonomia de que precisávamos para escrever. Alves (2012, p. 141) diz que “Referimo-nos à autonomia do orientando frente ao processo de escrita e da escolha da temática, e não à autonomia entendida como 'deixar o orientando sozinho’”. Então, nas inúmeras madrugadas escrevendo, nas inconstantes dúvidas e inquietações que apareciam, eu nunca me sentia sozinha.

O aluno que inicia a escrita de uma dissertação sabe que precisa de um orientador para conduzir toda essa trajetória. Este atuará como um guia, tal qual nos ensina Zilbermann (2012, p. 339): “[...] guia que, conforme o modelo platônico, poderá colaborar, transmitindo-lhe ao mesmo tempo segurança e tranquilidade, para que proceda à passagem do descobrimento e inexperiência ao saber e a maturidade”. Nessa perspectiva, essa relação é permeada por aprendizagens e conhecimentos mútuos que se concretizam na defesa da dissertação e se perpetuam por toda a nossa vida.

Assim, nesse momento, abro um parêntese para agradecer de todo o meu coração a minha orientadora. Obrigada por toda a paciência, parceria e amizade que demonstrou por mim. Esse sentimento ficará eternizado em nossos corações (Jacinta, Júnior e Hugo).

É, caro leitor, estamos chegando ao finalzinho desta página. Afinal, tudo o que foi relatado até o momento foi apenas um capítulo da minha vida. Pelo o que vimos até aqui, definir, conhecer os nossos limites e fragilidades ajudam bastante no momento de escrever. Precisamos aprender a lidar com as vicissitudes que acontecem em nossa vida,

sejam elas boas ou não. O essencial é que, em cada uma dessas situações, saibamos aprender e sair, ao final, mais fortalecidos.

Apesar desses pequenos detalhes que passei, eu, Jacinta, uma mulher, imigrante, mãe, trabalhando, viajando 150 quilômetros para chegar à capital, sem dormir direito algumas noites, consegui defender a minha dissertação de mestrado no dia 29 de agosto de 2017. Acredito que fui a segunda da minha turma a concluir o mestrado. O nosso prazo era até março de 2018, mas para esse ano eu já havia reservado outros planos, o de retornar para a Paraíba. Hoje escrevo estas linhas em Cajazeiras-PB, local onde trabalho e cidade que já adotei como minha.

Toda essa caminhada no *stricto sensu* me proporcionou um oceano de aprendizagens e gratidão. A tessitura da vida é assim: ora ganhamos, ora perdemos; ora sorrimos, ora choramos, mas o essencial de tudo é a oportunidade que ela nos dá de vislumbrarmos novos horizontes. A cada dia um novo sonho, afinal sem sonhos a vida não tem sentido. Não existe segredo para a realização desses, o primordial é, primeiro, ter a consciência de que não conseguimos avançar e seguir sozinhos, principalmente durante a jornada do *stricto sensu*, é necessário o apoio, a parceria de vários personagens que fazem a diferença nesse processo; e, segundo, saber o que queremos e ter foco, fé e JAMAIS desistir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. S. **Elaboração de Projeto, TCC, Dissertação e Tese**. São Paulo: Atlas, 2017.
- ALVES, V. M. A relação orientador-orientando na Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 43, n. 29, maio/ago., 2012, p. 135-156.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BORGES, C. N. Escrita acadêmica: um fazer nas práticas linguísticas universitárias. **Anais do SILEL**, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DIAS, A. P. P. Ensino e aprendizagem intercultural de línguas estrangeiras: da teoria à sala de aula. In: SÁ, R. L. de (Org.). **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da Silva, G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LISPECTOR, C. **As palavras**: nada têm a ver com as sensações, palavras são pedras duras e as sensações delicadíssimas, fugazes, extremas. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

OLIVEIRA, A, L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, maio, 2020, p. 154-166.

RIGO, R. M. *et al.* Escrita acadêmica: fragilidades, potencialidades e articulações possíveis. **Revista de Educação**, PUC Campinas, v. 23, n. 3, set./dez., 2018, p. 489-499.

SILVEIRA, L. Eu sou os olhos dela: as babás nas imagens, na praça ou uma etnografia do olhar. **Sociologia, problemas e práticas**, São Paulo – SP, n. 77, 2015, p. 95-111.

TENENBOJM, E. *et al.* Causas de insônia nos primeiros anos de vida e repercussão nas mães: atualização. **Revista Paulistana de Pediatria**. São Paulo – SP, v. 28, n. 2, jun., 2010, p. 221-226.

ZILBERMANN, R. Orientação: a aventura compartilhada. *In*: **A bússola do escrever**: desafios na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Autora

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues

Instituto Federal da Paraíba, Campus Cajazeiras.